

de governos

Valter Melo

Finalmente, o governo brasileiro dá a entender — ainda que não oficialmente — que a solução é negociar a dívida de governo a governo. O País vive, nesse momento, um período singular: o ministro Delfim Netto se encontra na ponte aérea Washington-Nova Iorque mantendo contatos com Banco Mundial, FMI, Federal Reserve e banqueiros privados. Lá se encontra também o ministro da Fazenda, Ernane Galvões.

O diretor da Área Externa, do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, acabou dando o sentido exato do que significa negociar de governo a governo uma dívida que é contraída 80 por cento junto aos bancos privados. "Os banqueiros não são os culpados pela elevação da prime rate, porque eles só decidem sobre o spread. O nó da questão está no déficit anual de US\$ 200 bilhões do Tesouro americano, que é financiado com a tomada de recursos no sistema bancário, através de lançamento das ORTNs deles. Se o governo norte-americano tomasse menos recursos, as taxas de juros poderiam cair", afirmou enfaticamente Madeira Serrano.

Então, o que é que tem de ser feito?

Primeiro, forçar o governo Reagan a reduzir o seu déficit de caixa, assim como o FMI exige que o governo brasileiro diminua o seu déficit público, para que as taxas de juros internas baixem. Os congressistas, principalmente os deputados do Partido Democrata, pressionam Reagan a aumentar impostos e reduzir seus gastos militares para aliviar o Tesouro. Mas Reagan teima em passar a fatura para os países endividados e também para os seus amigos europeus, provocando uma verdadeira enchente de dólares rumo aos Estados Unidos. E o dólar que saiu e agora retorna ao seu leito natural.

Segundo, os governos endividados devem forçar os banqueiros a aceitar transformar os créditos a curto e médio prazo para financiamentos a longo prazo, de até 30 anos, se preciso. **Terceiro**, os bancos poderiam aceitar, também, a "capitalização" dos juros, automaticamente. Por esse esquema, os juros vencidos e não pagos seriam acrescentados ao capital e a partir daí a bola de neve recomecaria. Mas, a capitalização seria apenas de parte dos juros vencidos. Outra vez os bancos dizem que as leis dos EUA não permitem tal expediente, pois uma parcela de juro não paga seria considerada "crédito em liquidação". Teria que mudar a lei. E quem muda a lei, nos Estados Unidos? O Congresso Nacional.

O quarto front, segundo disse Madeira Serrano, seria convencer o governo Reagan a aumentar sua cota no FMI, no Banco Mundial e nas demais agências multilaterais de ajuda aos países pobres. Reagan já disse que não fará isso. O quinto front: pressionar os países ricos, aí novamente os EUA, a levantar barreiras protecionistas às exportações dos países endividados. Sexto: atrelar o pagamento da dívida à capacidade dos endividados de exportar.

"Você não pode aplicar soluções clássicas eternamente para situações que não são nada clássicas" — desabafou Serrano.

Tudo bem. Só que o Banco Central não está falando nada demais. Está apenas pegando o bonde andando da história.

Saída para Brasil é diálogo